

NOTA EDITORIAL  
SOBRE O PRODUTIVISMO ACADÊMICO

*Coletivo de Publicações DEN (2019/2020)*

*Rachel Facundo Vasconcelos*

*Maria Clara Salim Cerqueira*

*Lorena Izá Pereira*

Desde o início do século XXI há um notável aumento da produção acadêmica mundial, o número de artigos publicados é considerável. A lógica de mercado se ampliou e se imbricou na produção do conhecimento científico, e a tarefa de produzir com qualidade é difícil em tempos que os números de publicações são as principais notas curriculares. Parece que o principal objetivo dos acadêmicos é publicar, ainda que não se saiba exatamente o que ou se será lido por alguém. É a cultura do *publish or perish*, do publicar ou perecer (WATERS, 2006). À quem e para que serve este conhecimento produzido, então?

Nós, da AGB, temos como princípio não fomentar a corrida por número de publicações, e tentamos transparecer isso no escopo da Revista Terra Livre, selecionando e avaliando os textos que demonstram essa preocupação. Os estudos produzidos no campo geográfico são bastante amplos, e por isso pode tornar-se uma tendência uma exacerbação do empirismo, de tomar estudos de caso com primazia em detrimento da inserção das particularidades em um contexto mais amplo, dentre outras abordagens que consideramos pouco frutíferas. É comum tomar a parte sem o todo, ou parte como simples fragmento do todo, e a relação entre estes fica obnubilada a rasas reflexões que parecem não se ater à teoria ou à prática. Sabemos da dificuldade de fazer pesquisa sobre temas amplos, mas reiteramos a necessidade de os textos abordarem a atuação social e política dos autores, pois a ciência, produzida pela subjetividade e objetividade daqueles que a fazem não pode ser neutra, como coloca Mészáros (1996).

Te	S	Ano 35, Vol.1, n. 54, p.	ISSN:
erra Livre	ão Paulo	xv-xxi	2674-8355

Manoel Fernandes de Sousa Neto (2016) nos alerta sobre as preocupações do fazer científico geográfico no Brasil, e da prioridade de pesquisa para temas que possam ser financiados: somos reféns do “Deus dinheiro” (p. 93) como pesquisadores. Há alguma possibilidade de fugir à essa lógica? Cremos que não completamente, pois o mundo no qual vivemos é regido por ela, mas nos dispomos a fazer o que estiver a nosso alcance para transformar essa realidade.

Afinal, como Karl Marx (2017, p. 93) afirmou em um dos Prefácios de sua obra principal, “não existe estrada real para a ciência, e somente aquele que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm a chance de atingir seus cumes luminosos”. Não objetivamos chegar a respostas conclusivas ou delimitar o que é relevante ou não para o conhecimento geográfico, mas reiteramos que o caminho não é retilíneo ou tem um final proclamado. Seguimos nesta empreitada.

Notamos que nessa chamada aberta entre os meses de março e maio de 2020 houve, em comparação com as anteriores, uma grande procura de autores. Isso também é ressaltado pelo fato de a edição não ser temática, o que permite que um maior número de pesquisadores possa se interessar pela contribuição e submissão de artigos. A condição de isolamento social também reforçou a necessidade de produzir, o que pôde ser notado principalmente nos primeiros meses da pandemia no Brasil, com situações de *lockdown*<sup>1</sup> que grande parte do mundo foi submetido durante os meses em que enfrentamos o pico dessa pandemia.

O que seria o que chamamos aqui produtivismo acadêmico? Segundo Petrus, Dantas e Shigaki (2015), é “[...] um fenômeno derivado dos processos de avaliação da pós-graduação, se caracteriza pela excessiva valorização da

---

<sup>1</sup> O *lockdown* consiste em fechar uma região, interditando vias, proibindo deslocamentos e viagens não essenciais. Cada governante decide de que forma será feito esse fechamento. Além disso, serviços considerados essenciais poderão continuar funcionando. (A TARDE COMUNICAÇÃO, 2020)

quantidade da produção acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade [...]” (p. 01). Ou seja, essa necessidade de artigos científicos está atrelada a lógica perversa do acúmulo do capital que vai além da divulgação/comunicação de descoberta e inquietação científica, o que se torna, muitas vezes, até uma “moeda” de troca para o acesso a determinados grupos e programas de pós-graduação. O que acaba levando muitos jovens pesquisadores a desenvolver doenças físicas e mentais durante os períodos de graduação e pós-graduação, assunto este negligenciado pelas Universidades.

Por isso, ressaltamos a necessidade de pensarmos qual é o intuito e interesse em publicar artigos. Compreendemos que para fazer ciência, a demanda de tempos é distinta da produção capitalista, mas não há como separá-las no mundo em que vivemos. É necessário tempo de estudo, de análise, de crítica e só então a produção de algum resultado para ser divulgado. O que notamos como editoras é que esse processo é aligeirado, e os tempos de pensamento e reflexão são deixados de lado, a produção científica acaba funcionando nos moldes fordistas de produção em massa, em larga escala, o que faz perder o caráter investigador que a pesquisa deveria ter.

Não buscamos simplesmente atribuir aos Programas de Pós-graduação a culpa por esse fenômeno, uma vez que esses estão submetidos aos processos de avaliação quadrienal, com atribuição de notas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que determina os benefícios dos programas, por meio de distribuição de bolsas e verbas - e caso as notas forem baixas, podem ocorrer alguns tipos de sanção e até o fechamento dos programas. Como um dos critérios de avaliação dos programas é, justamente, o número de publicação em periódicos nacionais e internacionais por seus discentes e docentes, as publicações científicas acabaram por serem englobadas nessa amálgama que exige um certo nível de produção.

No Brasil, a produção dos periódicos científicos são avaliadas através

do sistema Qualis Periódicos, que foi concebido com o objetivo de avaliar os programas de pós-graduação brasileiros de acordo com estratos (A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5). O Qualis Periódicos é político, pois os seus critérios de classificação estão em disputa e para uma determinada revista científica aumentar sua classificação, outras necessariamente devem cair. Assim, o Qualis Periódicos é muito mais quantitativo do que qualitativo, como sua nomenclatura sugere. Os debates realizados no âmbito das publicações científicas têm se versado na discussão do Qualis Periódicos, em como uma revista pode aumentar seu Qualis, na maioria das vezes sem uma leitura crítica do mesmo. Muitos periódicos perdem suas características e o seu escopo para se adequarem aos padrões - baseados em métricas - que o Qualis Periódicos julga ser o melhor para classificar o conhecimento científico produzido no Brasil. Para que e para quem serve o Qualis?

Os periódicos de Geografia do Brasil tendem a reproduzir este debate em seus espaços e, ao mesmo tempo, pouco tem se dedicado a discussão do papel político dos periódicos de Geografia e do produtivismo científico que nos atinge em múltiplas escalas. Todas as revistas científicas tem sido impactadas com as mesmas questões: número alto de submissão de artigos; alta quantidade de artigos que não se encaixam no escopo dos periódicos; aumento da taxa de artigos rejeitados e sobrecarga de trabalho de editoras(es) e avaliadoras(es) que fazem um trabalho quase sem reconhecimento. Estes são alguns elementos que evidenciam o produtivismo na ciência geográfica, porém, ainda nos negamos a debater o tema pois estamos preocupados com a nossa classificação no Qualis Periódicos.

Trazemos aqui questionamentos ao invés de respostas acerca da produção do conhecimento e suas formas de divulgação. A ciência no Brasil, que está sofrendo tantos ataques, e parece não consegue resistir, e apenas aceitar e executar o que é imposto pelos poderes hegemônicos. Assim, nos perguntamos a quem serve essa lógica de produção e quem são os prejudicados por ela. O debate de gênero nos chama atenção, até pelo fato de sermos o primeiro Coletivo de Publicações da AGB composto

exclusivamente por mulheres.

Para que nossa análise faça sentido, é necessário retomar um breve período da história da Terra Livre. Em um histórico dos últimos cinco anos - do número 44 até o atual, 54 - notamos que há uma certa equidade de gênero entre autores publicados: há algumas edições, com maior número de autoras mulheres do que autores homens, mas o contrário também é verdade. Abaixo apresentamos um gráfico com esses dados:

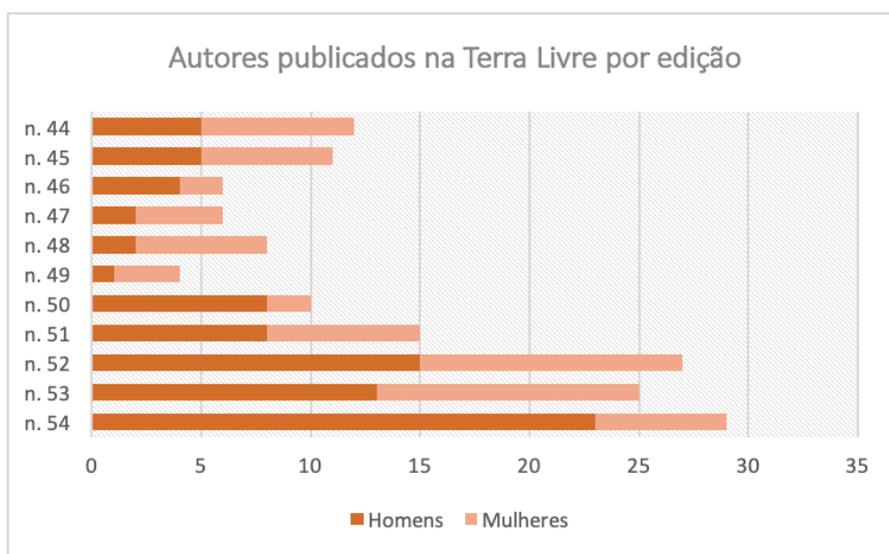


Gráfico 1: Autores publicados na Revista Terra Livre por edição.  
Fonte: Autoras (org.), 2020.

Vemos que na presente edição, n. 54, foi majorado o número de autores homens em uma proporção diferente das edições anteriores, e isso não ocorreu apenas com o número de artigos aceitos para publicação, mas também foi uma realidade nas submissões. As mulheres representaram 38% da autoria dos artigos que foram submetidos à publicação nesta edição, e apenas 21% da autoria dos artigos aceitos.

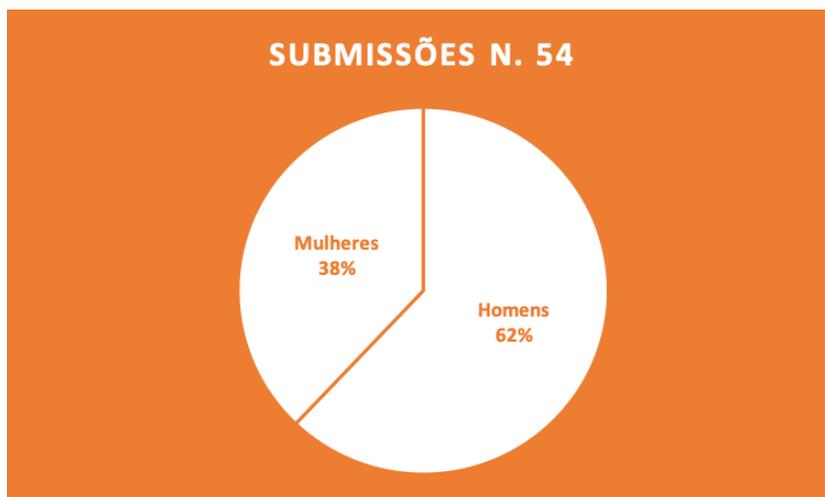


Gráfico 2: Autores de artigos submetidos na Revista Terra Livre n. 54 por gênero.  
Fonte: Autoras (org.), 2020.

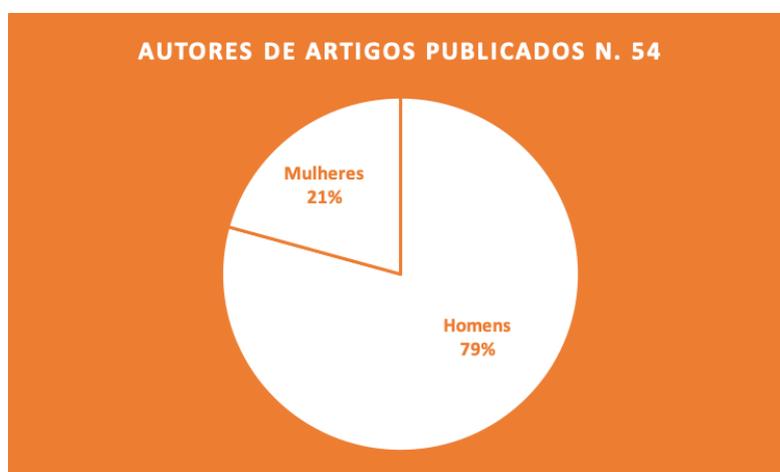


Gráfico 3: Autores de artigos publicados na Revista Terra Livre n. 54 por gênero.  
Fonte: Autoras (org.), 2020.

Enquanto mulheres pesquisadoras, também submetidas à essa lógica da produção acadêmica e dos cuidados domésticos, compreendemos que esse fenômeno de diminuição na proporção da contribuição das mulheres nessa edição da Revista Terra Livre não é mera coincidência. A pandemia da COVID-19 escancarou crises sociais em uma proporção que não imaginávamos, apesar delas já estarem latentes desde meados da década de 2010. A falta de tempo das mulheres nas atividades acadêmicas acontece devido à sobrecarga de serviços domésticos, o que acaba por transparecer de forma mais evidente em um momento em que fez-se necessário todos "ficarem em casa".

Acreditamos que esse é um momento valioso para avaliação de nossa situação, seja ela enquanto agebeanas, enquanto pesquisadoras e enquanto mulheres, e convidamos todas as pessoas a fazer o mesmo nos espaços que compõem e participam. Seguimos na tentativa de construir um mundo melhor.

Início da primavera de 2020.

Belo Horizonte, Fortaleza e Presidente Prudente.

## Referências

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. Queime depois de ler. In: *A diversidade da geografia brasileira: escalas de análise e da ação*. SPOSITO, Eliseu Savério *et al* [org.]. p. 83-94. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ensaio, 1996.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. *O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?*. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-18, Mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512015000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512015000100002&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 set. 2020.

WATERS, Lindsay. *Inimigos da esperança*. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

## Notícias

GRUPO A TARDE COMUNICAÇÃO. *Entenda o que significa o termo 'lockdown'*. Disponível em: <https://coronavirus.atarde.com.br/entenda-o-que-significa-lockdown/>. Acesso em: 19 set. 2020.